



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Escola no Mundo Contemporâneo -Profa. Dra. Zilda Iokoi



Proposta didática de análise literária:
o jovem na literatura – análise participativa.

Alunos responsáveis:

Bruno da Fonseca Miranda
Bruno Jeuken Souza
Diego Campos Franco
Gabriel Cabral Bernardo
João Victor Rosa
Rafael Lopes
Rafael Tonet Rensi

Dezembro, 2011

SUMÁRIO

1.Introdução

2.Proposta analítica

2.1Possível roteiro de análise

3.“Pra que isso, professora?”

4.O jovem na literatura: análises

4.1Século XIX

- Inveja
- Conto de Escola
- Mocidade e Morte

4.2Século XX

- E agora, José?
- O Primeiro Beijo
- Capitães da Areia

4.3Século XXI

- A Bola

5.Conclusão das análises

6.Proposta: a análise dos alunos

7.Lista de obras

8.Bibliografia

1.Introdução:

Reconhecemos que é necessária uma mudança na prática do ensino de história e, portanto, sugerimos neste material didático uma tímida proposta que intenta ser uma parte desta longa caminhada que julgamos ser assaz necessária.

O grande mote didático explicativo contido neste material é o de melhor ilustrar ao longo das aulas ministradas os períodos históricos. Tal ilustração será feita através da literatura, por dois motivos: para fazer uma ligação entre História e Literatura e contribuir para aquilo que se convencionou chamar de interdisciplinaridade e também porque compreendemos, à luz do que outrora postulou Marc Bloch, que cada texto apresenta visões do seu próprio tempo, logo cada texto literário pode funcionar como um documento histórico melhor ilustrando e retratando algum tema passado.

Devemos ressaltar ainda que este material é fruto de um trabalho com tema específico pré-definido em sala de aula, a saber, o jovem ao longo da história. Por seguir o tema acabamos inevitavelmente por limitar o escopo temporal-espacial-temático deste material. Escolhemos então como espaço geográfico os acontecimentos ocorridos no Brasil, mas a partir de um tempo específico o século XIX, esta escolha deve-se ao fato de acreditamos que seria mais conveniente trabalharmos com um tipo de jovem que supostamente poderia estar mais próximo da nossa realidade. Todavia o fato da escolha temática ser limitada não significa dizer que esta proposta pode parar por aqui, muito pelo contrário, sugerimos que o quanto antes este trabalho possa ser ampliado e atender a temas e períodos muito mais amplos de modo a poder contribuir para um melhor ensino de história.

2.Proposta analítica:

Nosso trabalho propõe uma atividade a ser realizada na sala de aula. Indo direto ao ponto: a atividade consistirá em analisar obras literárias (seguindo algumas etapas de método que serão propostas) que tenham em seu conteúdo o jovem. Contos como Inveja, Uns Braços e Conto de Escola serão utilizados, assim como poesias e partes de romances. Tais análises podem ser feitas ao

longo de uma explicação do professor, por exemplo, a aula ministrada diz respeito aos problemas sociais brasileiros do século XIX, o professor pode sugerir como ilustrativo da situação a forma como um contemporâneo disso tudo aqui do Brasil, como Aluísio de Azevedo, enxergou a situação e construiu a figura, por exemplo, de um jovem, ou seja, como o jovem é visto por este autor. Depois de analisadas algumas obras em sala de aula, pelo professor, pretendemos que o aluno faça individualmente ou em grupo uma análise, para que perceba certos meandros das obras literárias, para que aprenda a pensar enquanto lê – mesmo que ainda erre em alguns momentos.

Para que não seja um trabalho inviável, a análise dos alunos deve ser de obras pequenas, menores em extensão (no fim do trabalho deixaremos uma lista de indicações). O terceiro movimento será opcional, dependerá do que o professor sentir em sua sala de aula: seria, então, a redação de um conto pelos alunos, que depois deverão trocar entre si para que, como feito anteriormente, analisem contos dos colegas e tenham os seus próprios analisados.

2.1.Possível roteiro de análise:

Abaixo sugerimos algumas etapas que podem ser utilizadas na análise dos textos, apenas lembrando que elas não são obrigatórias, mas estão aqui apenas para pautar a forma como a análise pode ser levada a cabo.

1 - Identificar o jovem e como ele é descrito ao longo do texto

Exemplo: Tem boas ou más características? Caso haja outros jovens, eles tem essas características também? Caso sim, isso, então, pode ser visto como característica de jovem; caso seja de um dos jovens é apenas característica do personagem.

2 - Fazer comparações com personagens mais velhos, caso esses apareçam, e tentar notar se há descrições opostas.

Exemplo 1: Adultos e idosos apresentam-se como responsáveis já o jovem como irresponsável.

Exemplo 2: Adultos e idosos antiquados e conservadores, jovem como ator da novidade e da mudança.

3 - Comparar a descrição do jovem (e se houver da comparação entre jovem e adulto) com o contexto histórico e tentar enxergar como o momento histórico produz a figura de um determinado tipo de jovem e como isso é retratado pela literatura.

4 - Qual o fim do jovem na conclusão da história?

5 - Pensando todos esses tópicos: a imagem que se tem sobre o jovem é positiva ou negativa? O jovem é visto como imaturo e irresponsável, como uma esperança de um futuro melhor, como ator social da novidade e das mudanças ou, por fim, há uma visão neutra sobre ele?

6 - Conclusão.

Feita a análise devemos pensar no que ela pode ter contribuído ao aluno ao longo da aula. Esse trabalho carrega nele muito conteúdo, faz com que os alunos aprendam ao longo de uma análise (ainda que básica e superficial) ao invés de simplesmente ouvir o professor contar a análise pronta.

3. “Pra que isso, professora?”

Esse trabalho carrega nele muito conteúdo, faz com que os alunos aprendam ao longo de uma análise (ainda que básica e superficial) ao invés de simplesmente ouvir o professor contar-lhes o que sabe sobre a época e o que já analisaram outras pessoas sobre esta ou aquela literatura. Aqui o aluno aprende enquanto produz.

O fato de os alunos assistirem à análise sendo feita e, eles próprios, realizarem duas análises depois (uma de alguma obra já existente e outra de um conto de um amigo) faz com que eles se familiarizem com obras e estilos dos séculos trabalhados (XIX, XX e XXI), enxergando as diferenças da literatura ao longo dos anos e não apenas ouvindo falar sobre elas; ao fundo, os alunos vislumbram toda uma época da História através da literatura. Sem contar que aprender a pensar enquanto leem, não simplesmente juntando sílabas mentalmente.

4.O jovem na literatura: análises

Começaremos agora a trabalhar com contos, poemas e livros que, quando analisados, nos trarão informações valiosas sobre a época que foram escritos. Nosso foco: o jovem. Mas não só sobre os jovens é possível aprender, analisar a literatura é enxergar uma época. As análises serão iniciais e básicas, para dar maior liberdade ao

4.1 Século XIX

Inveja

Nascido em São Luís do Maranhão em 14 de abril de 1857, Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo foi um dos mais importantes e populares escritores brasileiros da segunda metade do século XIX. Produziu intensamente: novelas, romances, contos, peças de teatro, crônicas. Inserido na coletânea Demônios e publicado em 1895 o conto Inveja é um dos que inserimos neste material.

“(...) um padre ainda moço, depois de passear silenciosamente à sombra das árvores, foi assentar-se, triste e preocupado, nos restos de uma fonte de pedra (...) E aí ficou a cismar, perdido num profundo enlevo, como se o ardente perfume daquela tarde de verão fora forte demais para a sua pobre alma enferma de homem casto.” Esta frase compõe a síntese do conto, pois ela nos mostra o objeto narrado (o padre), o lugar onde ele estava (fonte de pedra) e a condição que ele apresentava (triste, preocupado e casto). A grande questão narrada fará uma referência direta ao celibato clerical de um jovem e como este pode fazer com que um membro do clero sinta um sentimento de não-compaixão para com seus próximos, a saber, a inveja. Tal relação apenas pode ser apreendida quando nos aproximamos das linhas finais do conto Aluísio, desta forma, escreve um texto circular em que o final nos remete ao início primordial, o título. Para tanto temos ao longo do conto uma discussão interna do jovem padre para com ele mesmo, o narrador é, pois onisciente e adentra no universo psicológico da personagem.

O jovem foi para a vida religiosa não por gosto, mas por obrigação, enterram-lhe numa casa de poucas feições, deram-lhe uma mortalha negra, bem como instruções para conter os seus desejos a fim de que se tornasse um padre. Temos aqui um jovem com o destino traçado não por ele, mas por um outro indivíduo não narrado no conto, muito provavelmente pode ter sido a ação de sua própria família. Nos seus pensamentos vê a infância com nostalgia, naquela época possuía esperanças, tinha confiança em tudo, era inocente, não conhecia as querelas entre os homens, ele era feliz e bom, como vai nos dizer.

Agora não mais segue um ofício que não lhe agrada e que reprime as suas mais naturais emoções, tais quais o amor. Ele, num dado momento de sua reflexão, já chorando, observa um casal no ato sexual, aquilo lhe constrange, lhe trás à tona um sentimento de querer estar ali no lugar daquele homem, aquilo lhe trás a inveja. O padre sai do local e um sino próximo toca o som de uma ave-maria.

Há dois pontos a serem destacados: o jovem que tem o seu destino outorgado por outra pessoa e a questão, já acima referida, do celibato. Esta pode suscitar uma discussão em sala referente aos efeitos que esta imposição pode trazer, neste caso, a amargura, a inveja, o padre, nos seus dizeres, não é mais uma boa pessoa. O destino outorgado pode fazer nascer na sala de aula uma reflexão acerca do que o jovem pode fazer da vida, seguir aquilo que lhe é imposto ou lutar por aquilo que ele realmente deseja, além de ser uma questão ainda em voga este ponto, bem como o primeiro, tenciona o aluno à reflexão crítica.

Por Bruno da Fonseca Miranda

Conto de Escola

Machado de Assis, extraordinário escritor do final do século XIX, escreve sobre a condição humana em várias nuances. Se fala de cartomantes, de supostas traições e consequentes desconfianças, escreve também sobre a meninice, sobre as descobertas. Em “Uns Braços” nos traz uma bela narrativa sobre a descoberta sexual, em “Conto de Escola” as primeiras experiências com a corrupção, posterior delação e, por fim, a experiência da liberdade.

Temos alguns jovens mais destacados nesse conto e vamos falar sobre eles: Pilar, Raimundo, os meninos vadios e Curvelo.

Pilar é quem conta a história, aparentemente com a distância dos anos, algo recorrente na obra de Machado de Assis. Ele narra três dias: a surra que tomou do pai, que foi o motivo de ele ter ido para a escola no dia seguinte; o que aconteceu nesse dia; o desfecho no terceiro dia. Por ser o próprio narrador o protagonista, há pouca auto-descrição, que, a não ser de sensações e coisas

do tipo, se limita a mostra-lo como bom aluno e uns dos mais inteligentes da sala. Ainda assim, Pilar parece ser alguém que tem medo de quem tem autoridade sobre ele, sabe o que deve ser escondido dos mais velhos e tem consciência da percepção que os outros têm sobre os acontecimentos.

Raimundo é descrito como mais lento, pequeno e mole, de inteligência tarda. Tinha medo do pai – que era o professor – e era tratado por este com mais severidade do que trataria qualquer outro. É ele quem oferece uma pratinha a Pilar em troca de ajuda no ponto da aula.

Os meninos vadios são citados de passagem, quando Pilar esta se mostrando cada vez mais arrependido de ter ido à aula. O protagonista deseja nesse momento estar brincando com Chico Telha, Américo, Carlos das Escadinhas, “a fina flor do bairro e do gênero humano”. Observa a pipa voando no céu azul e fica muito incomodado por estar preso na escola. Em oposição a esse sentimento, a liberdade dos “meninos vadios”.

Curvelo é o delator, o garoto da escola que assiste de longe a ação e depois, sem motivo aparente, sem ter sido afetado ou pretender algum benefício, conta ao professor que Raimundo pagara a Pilar para ser ensinado. É o posterior alvo da raiva e da vontade de vingança.

Em oposição aos mais velhos: o pai de Pilar e o pai de Raimundo, os jovens parecem mais soltos, propensos a testar o que podem ou não fazer, os adultos parecem mais rígidos, severos, militarizados, ligados aos acontecimentos políticos da regência. Enquanto isso, os mais novos preocupam-se apenas em não ser castigados e usam os meios que possuem para evitar tais castigos. Raimundo paga para aprender a lição e, assim, não apanhar, Pilar, depois de já ter apanhado, diz para a mãe que foi por não ter aprendido a lição, evitando dizer que foi por ter aceitado dinheiro – o que o faria apanhar ainda mais.

Não há aqui, como é típico de contos machadianos, uma dicotomia. Portanto os jovens, que são vítimas da educação severa e militar dos adultos do século XIX (1840, segundo o conto), não são completamente bons e

inocentes. No conto, o autor não assume um partido extremo quanto aos jovens, apenas nos é mostrado como agiam para burlar o engessamento da época, como tinha medo dos castigos físicos além das universais: corrupção, delação e liberdade. Esta última, ainda não tratada aqui, é quem encerra o conto: Pilar esta indo para escola no dia seguinte à corrupção castigada para tentar encontrar a moeda, é quando se vê em um belo dia de sol junto a uma companhia de fuzileiros que marchavam e tocavam tambores. Ele os acompanhou, esqueceu a escola, sentiu-se à vontade como queria ter se sentido no dia anterior e encerrou o conto da mais bela maneira.

Por Bruno Jeuken Souza

Mocidade e morte

Antônio Frederico de Castro Alves (1847-1871) é um dos grandes poetas brasileiros. Integrante da escola literária do Romantismo, o autor se destacou por sua ação política, mais especificamente pelo seu papel como abolicionista, na luta contra a escravidão. Dessa luta nasceu sua obra prima “Navio Negreiro” de 1869. O autor baiano além disso é conhecido pela erudição, defesa do republicanismo e por seus poemas românticos. O poema que tratamos faz parte do seu livro “Espumas Flutuantes” de 1870.

O autor trata aqui dos dois temas contidos no título e mais especificamente do medo da morte. O personagem do poema, um jovem, feliz por estar no início da vida adulta prestes fazer grandes coisa começa a pensar sobre uma morte precoce, antes de realizar seus sonhos. Esse temor se dá pela “conversa” da personagem com sua parte sombria, que o autor caracteriza como uma voz em sua cabeça. Não importa quão grande sejam os sonhos da personagem, a voz sempre lhe promete a morte antes de alcançá-los. Podemos ver que para o autor a juventude (mocidade) é considerada o verdadeiro início a vida. A partir dela apenas que o autor pode conseguir o que almeja. Vemos isso quando o autor fala do que vê em seu “futuro radiante”: “Entre louros e bênçãos dorme a glória”. O autor até aceita a morte desde que venha depois da juventude: “Após – um nome do universo n’alma/ Um nome

escrito no Panteon da História”. É apenas a partir da juventude que a personagem pode atuar em sua sociedade.

O autor também fala das belezas da juventude que teme perder (“morrer... quando este mundo é um Paraíso”). Para o autor este é o auge da vida, quando sente em si o “borbulhar do gênio”, e que experimenta o amor (“No seio da mulher há tanto aroma.../ nos seus beijos de fogo há tanta vida...”). Ao morrer prematuramente não só se perde a oportunidade de atingir o reconhecimento (“glória”), mas também os encantos juvenis, como o amor.

Vemos, por fim, um intenso medo da morte, do fim. Uma tristeza inconsolável e que liga a personagem ao luto de sua família (“Escuta, minha irmã, cuidosa enxuga/ O pranto de meu pai em seus cabelos”)

Podemos ver em Castro Alves uma juventude ligada ao porvir numa sociedade que valorizava apenas a ação dos adultos e que apenas os considerava. A mocidade idealizada pelo autor tem pelo caráter a primeira oportunidade de atuar no mundo. Como sempre o jovem espera grandes coisas do futuro e isto se traduzia na glória, o reconhecimento eterno, pensado como panteão da história. A morte, tema tão natural na literatura, especialmente na romântica, é uma constante nessa época em que a mortalidade entre jovens era maior. Morrer significava, mais do que tudo, falhar em conseguir o reconhecimento, ser esquecido.

Aqui, além do que tratamos, o ideal é trazer aos alunos as temáticas da morte e das expectativas, e como os seus significados se mantêm ou se alteram. As perspectivas que podem se alterar dependendo do indivíduo, da época e do lugar.

Por Rafael Lopes

4.2 Século XX

E agora, José?

Para pensar neste poema um dos primeiros pontos que devemos de levar em consideração é a época em que ele foi escrito, na década de 40 do

século passado. Neste momento ocorre a Segunda Grande Guerra e aqui no Brasil a ditadura do Estado Novo com Getúlio Vargas a frente do processo. Neste ambiente de guerra, de supressão de direitos de livre expressão é que surge o poema José de Drummond, bem como uma parte considerável da obra do autor.

José, personagem fictício, aparece como um jovem que lutou contra todas as mazelas que atingiam seu tempo presente tentando propor algo novo, diferente que fizesse do seu lugar um local mais agradável e menos intransigente. José é, pois o jovem que carrega consigo a tentativa de encarar a realidade e enfrentá-la tentando modificá-la, ele é o agente da mudança. Todavia o jovem tenta, luta, mas não consegue. Tudo aquilo pelo que ele lutou fracassou “não veio a utopia/ e tudo acabou/ e tudo fugiu/ e tudo mofou”. Frente ao fracasso do sonhado e sua não concretização na realidade o que resta fazer? É o que Drummond mesmo questiona “E agora, José?”, como quem perguntasse “que atitude você vai tomar? Qual será seu rumo agora?”. É nos apresentado um jovem perdido, sem nada “sozinho no escuro” com o sentimento de que perdeu sua luta. Somos, porém surpreendidos pelo narrador ao perceber que mesmo com tudo perdido José continua “você marcha José” e o jovem faz isso mesmo sem ter um objetivo, daí a indagação: “José, para onde?”. Ele continua não desiste da vida e marcha na busca de algum motivo que o instigue e o de mais razões para o viver, pois apesar de ter perdido o que buscou, de não tê-lo alcançado a pujante peça da vida continua e José sabe disso, ele tem que viver.

Devemos ainda destacar o recurso retórico de Drummond, o nome dado ao jovem é José, um nome comum utilizado no intuito da generalidade, quantos jovens, quantos Josés não existiram naquele período histórico? Os anos de 1940 devido ao seu momento político culminaram na gênese de muitos Josés, jovens que tentaram mudar sua realidade, mas viram seus planos irem abaixo com a ditadura de Vargas, os que não foram perseguidos e mortos tiveram de buscar outro motivo delineador da vida, estes são os Josés que Drummond nos mostra em seu poema.

Vimos aqui então como um contemporâneo da década de 40 do século XX presenciou a emergência de um tipo de jovem, o agente da modificação, e viu seus planos não serem concretizados tendo o jovem que buscar um motivo de vivência.

“José”	o bonde não veio,	quer ir para Minas,
E agora, José?	o riso não veio,	Minas não há mais.
A festa acabou,	não veio a utopia	José, e agora?
a luz apagou,	e tudo acabou	Se você gritasse,
o povo sumiu,	e tudo fugiu	se você gemesse,
a noite esfriou,	e tudo mofou,	se você tocasse,
e agora, José?	e agora, José?	a valsa vienense,
e agora, Você?	E agora, José?	se você dormisse,
Você que é sem nome,	sua doce palavra,	se você cansasse,
que zomba dos outros,	seu instante de febre,	se você morresse....
Você que faz versos,	sua gula e jejum,	Mas você não morre,
que ama, protesta?	sua biblioteca,	você é duro, José!
e agora, José?	sua lavra de ouro,	Sozinho no escuro
Está sem mulher,	seu terno de vidro,	qual bicho-do-mato,
está sem discurso,	sua incoerência,	semteogonia,
está sem carinho,	seu ódio, - e agora?	sem parede nua
já não pode beber,	Com a chave na mão	para se encostar,
já não pode fumar,	quer abrir a porta,	sem cavalo preto
cuspir já não pode,	não existe porta;	que fuja do galope,
a noite esfriou,	quer morrer no mar,	você marcha, José!
o dia não veio,	mas o mar secou;	José, para onde?

Por Bruno da Fonseca Miranda

O Primeiro Beijo

Nascida na Ucrânia, em 1920, enquanto sua família fugia da perseguição aos judeus durante a Guerra Civil Russa, chegou ao Brasil com apenas dois meses e adotou o país que a recebeu como sua verdadeira pátria. Clarice Lispector é o principal expoente de uma tendência intimista da moderna literatura brasileira. Sua produção apresenta como principal eixo o questionamento a respeito do ser, o “estar-no-mundo”, a compreensão do ser humano; que resultou no chamado romance introspectivo.

Todos estes questionamentos presentes na obra da autora potencializam-se quando se trata da questão da juventude em sua produção. Afinal, este é, por natureza, o período das dúvidas, das descobertas e das reflexões de cunho mais intimista, um momento delicado de transição. Neste conto, Clarice não descreve as características da personagem principal, tampouco se dispõe a inseri-lo em determinada categoria ou posição na sociedade, apenas relata uma série de sensações que o acometem no decurso de tais descobertas. Um turbilhão de novas emoções, mesclando prazer e desconforto, em meio ao qual as de conotação sexual também, e principalmente, fazem parte.

O jovem do conto sente sede. Uma sede atroz, que pode ser interpretada como uma necessidade de novidade, de conhecimento, de vida, que só é saciada a partir do momento que ele tem seu primeiro contato com uma mulher, ainda que esta seja de pedra. Ao beijá-la e sorver dela a água tão desejada, outro rol de experiências, ainda mais estranhas, sucedem ao garoto, despertando reações físicas em lugares inesperados de seu corpo.

É o “instinto animal”, nomeado por Clarice, aquele que o guia. Também é ele quem descortina ao jovem, como que por epifania, sua condição de homem. Não há explicação, apenas a simples compreensão de algo natural e inerente a todos aqueles que passam por este período da vida. Mas no fim das contas, qual é o limiar entre a infância e a idade adulta? Quando se dá este momento de divisão entre o jovem e o homem? Simplesmente não existe. A sexualidade foi apenas uma das descobertas deste período, que traz à tona a reflexão sobre outras tantas. O que há, na

realidade, é uma longa e sinuosa estrada, como a descrita no conto, pela qual se trilha, sempre sedento, rumo ao amadurecimento e autoconhecimento; a fonte ao fim do caminho.

Por Diego Campos Franco

Capitães da Areia

O romance de Jorge Amado publicado em 1937 tem o caráter de denúncia social, contando o modo de vida de crianças abandonadas que roubam e cometem outros delitos para sobreviver. A história se passa na Bahia entre as décadas de 1920 e 1930, período evidenciado pelas referências feitas à Lampião, figura que percorreu vários estados do nordeste nestes anos. O problema social denunciado é o de crianças abandonadas, órfãs, que vivem da esmola e do furto, havendo uma crítica com a forma com que a e a forma que a sociedade lida com ele, a civil não se sentindo responsável e as autoridades quando cobradas (como no início do romance) alegam estar fazendo o que é de sua competência, passando a responsabilidade para outra instituição, ou quando atuam na solução do problema é com violência e de forma superficial, mais tentando escondê-lo do que solucioná-lo.

Capitães da Areia é atual porque a denúncia feita para sobre Salvador dos anos 30, continua hoje sendo um problema de todas as cidades grandes brasileiras. Atualmente a questão da violência envolvendo meninos de rua está estreitamente relacionada com o tráfico, mas a origem do problema continua sendo a mesma que a apresentada por Jorge Amado; o abandono, a indiferença da sociedade civil e a negligência das autoridades.

O conflito que envolve o romance é polarizado: pobres contra ricos, fracos contra fortes, crianças contra a sociedade. Jorge Amado vai construindo ao longo da narrativa, entre denúncias, um sentido de identidade que une os personagens; a identidade não é étnica, entre as crianças abandonadas há negros, loiros mestiços e inclusive um estrangeiro. O que une as crianças é a miséria. O líder dos Capitães da Areia, Pedro Bala, ao conhecer a história de seu pai, que foi morto pela polícia durante uma greve de estivadores que participara, passa a se identificar com os estivadores e suas causas, pois estes assim como os Capitães da Areia eram pobres e oprimidos. Passa a entender

mesmo que superficialmente os motivos da greve e a sua importância. Ao se tornar jovem tem consciência pelo o que está lutando e da necessidade de unir-se aos outros pores para lutar contra seus exploradores por seus direito e liberdade.

Jorge Amado após fazer a denúncia social coloca como solução a luta; a consciência de classes e a necessidade da participação do jovem, é esta tomada de consciência e a ida para luta do jovem Pedro Bala que vemos no capítulo Os atabaques ressoam como clarins de guerra.

A revolução chama Pedro Bala como Deus chamava Pirulito nas noites do trapiche. É uma voz poderosa dentro dele, poderosa como a voz do mar, como a voz do vento, tão poderosa como uma voz sem comparação. Como a voz de um negro que canta num saveiro o samba que Boa-Vida fez:

Companheiros, chegou a hora... A voz o chama. Uma voz que o alegra, que faz bater seu coração. Ajudar a mudar o destino de todos os pobres. Uma voz que atravessa a cidade, que parece vir dos atabaques que ressoam nas macumbas da religião ilegal dos negros. Uma voz que vem com o ruído dos bondes onde vão os condutores e motoneiros grevistas. Uma voz que vem do cais, do peito dos estivadores, de João de Adão, de seu pai morrendo num comício, dos marinheiros dos navios, dos saveiristas e dos canoeiros. Uma voz que vem do grupo que joga a luta da capoeira, que vem dos golpes que o Querido-de-Deus aplica. Uma voz que vem mesmo do padre José Pedro, padre pobre de olhos espantados diante do destino terrível dos Capitães da Areia. Uma voz que vem das filhas-de-santo do candomblé de Don'Aninha, na noite que a polícia levou Ogum. Voz que vem do trapiche dos Capitães da Areia. Que vem do reformatório e do orfanato. Que vem do ódio do Sem-Pernas se atirando do elevador para não se entregar. Que vem no trem da Leste Brasileira, através do sertão, do grupo de Lampião pedindo justiça para os sertanejos. Que vem de Alberto, o estudante pedindo escolas e liberdade para a cultura. Que vem dos quadros de Professor, onde meninos esfarrapados lutam naquela exposição da rua Chile. Que vem de Boa-Vida e dos malandros da cidade, do bojo dos seus violões, dos sambas tristes que eles cantam. Uma voz que vem de todos os pobres, do peito de todos os pobres. Uma voz que diz uma palavra bonita de solidariedade, de amizade: companheiros. Uma voz que

convida para a festa da luta. Que é como um samba alegre de negro, como ressoar dos atabaques nas macumbas. Voz que vem da lembrança de Dora, valente lutadora. Voz que chama Pedro Bala. Como a voz de Deus chamava Pirulito, a voz do ódio o Sem-Pernas, como a voz dos sertanejos chamava Volta Seca para o grupo de Lampião. Voz poderosa como nenhuma outra. Porque é uma voz que chama para lutar por todos, pelo destino de todos, sem exceção. Voz poderosa como nenhuma outra. Voz que atravessa a cidade e vem de todos os lados. Voz que traz com ela uma festa, que faz o inverno acabar lá fora e ser a primavera. A primavera da luta. Voz que chama Pedro Bala, que o leva para a luta. Voz que vem de todos os peitos esfomeados da cidade, de todos os peitos explorados da cidade. Voz que traz o bem maior do mundo, bem que é igual ao sol, mesmo maior que o sol: a liberdade. A cidade no dia de primavera é deslumbradoramente bela. Uma voz de mulher canta a canção da Bahia.

Canção da beleza da Bahia. Cidade negra e velha, sinos de igreja, ruas calçadas de pedra. Canção da Bahia que uma mulher canta. Dentro de Pedro Bala uma voz o chama: voz que traz para a canção da Bahia, a canção da liberdade. Voz poderosa que o chama. Voz de toda a cidade pobre da Bahia, voz da liberdade. A revolução chama Pedro Bala.

Pedro Bala foi aceito na organização no mesmo dia em que João Grande embarcou como marinheiro num navio cargueiro do Lóide. No cais dá adeus ao negro, que parte para a sua primeira viagem. Mas não é um adeus como aqueles que dera aos outros que partiram antes.

Não é mais um gesto de despedida. É um gesto de saudação ao companheiro que parte:

-- Adeus, companheiro.

Agora comanda uma brigada de choque formada pelos Capitães da Areia. O destino deles mudou, tudo agora é diverso. Intervêm em comícios, em greves, em lutas obreiras.

O destino deles é outro. A luta mudou seus destinos. Ordens vieram para a organização dos mais altos dirigentes. Que Alberto ficasse com os Capitães da Areia e Pedro Bala fosse organizar os índios Maloqueiros de Aracaju em brigada de choque também. E que depois continuasse a mudar o destino das outras crianças abandonadas do país.

Pedro Bala entra no trapiche. A noite cobriu a cidade. A voz do negro canta no mar. A estrela de Dora brilha quase tanto quanto a lua no céu mais lindo do mundo. Pedro Bala entra, olha as crianças. Barandão vem para junto dele, agora tem 15 anos o negrinho.

Pedro Bala olha. Estão deitados, alguns já dormem, outros conversam, fumam cigarros, riem a grande gargalhada dos Capitães da Areia. Bala reúne a todos, bota Barandão junto de si:

-- Gentes, agora eu vou embora, vou deixar vocês. Vou embora, Barandão agora fica o chefe. Alberto vem sempre ver vocês, vocês devem fazer o que ele diz. E todo mundo ouça: Barandão agora é o chefe.

O negrinho Barandão fala:

-- Gentes, Pedro Bala vai embora. Viva Pedro Bala!...

Os punhos dos Capitães da Areia se levantam fechados.

-- Bala! Bala! -- gritam numa despedida.

Os gritos enchem a noite, calam a voz do negro que canta no mar, estremecem o céu de estrelas e o coração de Pedro. Punhos fechados de crianças que se levantam.

Bocas que gritam se despedindo do chefe: Bala! Bala!

Barandão está na frente de todos. Ele agora é o chefe. Pedro Bala parece ver Volta Seca, Sem-Pernas, Gato, Professor, Pirulito, Boa-Vida, João Grande e Dora, todos ao mesmo tempo entre eles. Agora o destino deles mudou. A voz do negro no mar canta o samba de Boa-Vida:

Companheiros, vamos pra luta...

De punhos levantados, as crianças saúdam Pedro Bala, que parte para mudar o destino de outras crianças. Barandão grita na frente de todos, ele agora é o novo chefe.

De longe, Pedro Bala ainda vê os Capitães da Areia. Sob a lua, num velho trapiche abandonado, eles levantam os braços. Estão em pé, o destino mudou.

Na noite misteriosa das macumbas os atabaques ressoam como clarins de guerra.

Por Rafael Tonet Rensi

4.3 Século XXI

A Bola

Luis Fernando Verissimo nascido em Porto Alegre, no dia 26 de setembro de 1936, é um escritor brasileiro conhecido principalmente por suas crônicas e textos de humor, mais precisamente de sátiras de costumes, publicados diariamente em vários jornais brasileiros. Aqui, analisaremos "A bola", uma crônica pertencente ao seu livro *Comédias para se Ler na Escola*.

Em uma simples situação cotidiana, um pai presentear seu filho com uma bola, a crônica nos mostra a diferença de pensamentos entre as gerações. No decorrer da narrativa, o autor de certa forma zomba das "manias" do jovem moderno. O filho, que não se interessa pela bola, sendo descrito no estereotipo do jovem que é apegado aos brinquedos eletrônicos e se interessa muito mais por objetos estrangeiros do que por componentes da sua própria cultura. Nessa situação, o pai aparece de forma totalmente oposta ao filho, expondo um conflito de gerações. O presente dado pelo pai fez parte de sua infância, e ao entrega-lo ao filho, os dois períodos distintos se confrontam. O jovem não se interessa pela bola, muito provavelmente como o pai também não se interessaria pelo video-game.

Apesar de uma leve crítica sobre o valor que o jovem dá aos estrangeirismos e a determinadas coisas que podem ser consideradas supérfluas, a crônica não ataca o jovem. Ao observar o filho jogando seu video-game o Pai também dá valor ao aparelho e diz que o filho era bom no jogo, e que tinha coordenação e raciocínio rápido. Sendo assim, é apenas um relato do conflito de gostos pertencentes à gerações diferentes, sem visões positivas ou negativas sobre ambas as partes. O conto se torna interessante pois é um conflito que estamos acostumados a enfrentar no cotidiano. É comum o desinteresse ou a falta de entendimento por gostos ou ações de nossos pais, assim como também é comum que eles sintam algo parecido, porém, não existe uma "época melhor", apenas momentos diferentes.

Por João Victor Rosa

5. Conclusão das análises

Nas avaliações executadas acima; a despeito de prover um panorama mais universal de um período de significativa produção literária nacional, e que abarca uma série de contextos que merecem uma análise separada; podemos observar que os valores e ideais refletidos no protagonista escolhido, o jovem, ecoam em tempos históricos e contextos díspares, até mesmo nos habilitando a traçar o perfil e a função social daquele sobre qual discursamos.

O jovem aparece como sendo aquele que se encontra em uma posição de descoberta, de ver e sentir os primeiros impactos de estruturas consolidadas na sociedade em que se encontra, momento imediatamente seguido pela sede de conhecimento e de ainda mais novidades. No entanto, o que marca mais significativamente este personagem é o julgamento, a avaliação do que se passa: o papel do jovem está definido como o agente da mudança; aquele que contesta, busca com empenho melhorias, e quando perde se adapta da melhor forma, sem nunca ceder ao que é consuetudinário. À partir disso, não só é possível esclarecer que a História pode ser ensinada e compreendida através de um ângulo mais prático do que o do consensual livro didático, mas também é esclarecido que os acontecimentos passados não são estáticos e unilaterais, mas que uma variedade de categorias humanas pode desenhar suas próprias análises dos fatos e ser um agente histórico através da forma que desejar.

Pensamos que o grande trunfo desta atividade em particular é a possibilidade de despertar naqueles que a realizarem a mesma curiosidade e comprometimento com o meio em que vive, propondo mudanças, melhorias, fazendo críticas e nunca se acomodando com todo o arcaísmo que já fora estabelecido por gerações passadas e continua irrefutado.

Recomendamos, além do mais, que tal exercício não se reserve a um único tema, mas que amplie as aplicações do mesmo em áreas e questões que o próprio orientador julgue profícuo e exequível.

6. Proposta: a análise dos alunos

A nossa proposta de trabalho com os alunos pretende fazer com que os alunos aprendam História através da literatura, o tema trabalhado por nós foi o *jovem*.

Para encerrar otimizando o trabalho com os alunos, aumentando o nível do aprendizado, qualitativa e quantitativamente, indicamos uma etapa final: a redação de um conto pelos alunos, ambientado na época em que vivemos, e uma posterior troca de contos entre os alunos, para que eles analisem os contos dos colegas e tenham seus contos analisados. Eles devem, depois, identificar o papel do jovem em nossa sociedade e como ele é encarado,

fazendo um paralelo com o trabalho Histórico usando um objeto mais próximo a eles – e mais dominado.

7.Lista de obras

Disponível no blog para download

8.Bibliografia

CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade* 2ªed. São Paulo: Ed.Cia.ed.Nacional, 1967

CANDIDO, A. *Formação da Literatura Brasileira (Momentos Decisivos)* 5ªed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1975.

VARES, S. F. Análise do discurso pedagógico no “conto de escola” de machado de assis: encontro entre literatura, estética e educação. *Revista Sul-americana de Filosofia e Educação – RESAFEN* número 10, maio/2008-outubro/2008.

SCHWARZ, R. *O Pai de Família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

SCHARZ, R. *Duas Meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.